



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO A DISTÂNCIA DE PÓS-GRADUAÇÃO/ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO ESPECIAL
PÓLO SANTA MARIA**

**INCLUSÃO NOS ANOS FINAIS, O QUE ESTAMOS
FAZENDO?**

Daniela dos Santos Morales

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO A DISTÂNCIA DE PÓS-GRADUAÇÃO/ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO ESPECIAL
PÓLO SANTA MARIA**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Ms. Eliana Pereira de Menezes

Prof.^a Ms. Renata Corcini Carvalho

Prof.^a Ms Roberta Rossarolla Forgiarini

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial
Universidade .Federal de Santa Maria, RS, Brasil

TÍTULO DO ARTIGO INCLUSÃO NOS ANOS FINAIS, O QUE ESTAMOS FAZENDO?

AUTOR: DANIELA DOS SANTOS MORALES
ORIENTADOR: ELIANA DA COSTA PEREIRA DE MENEZES
Santa Maria, 01 de dezembro de 2007.

Neste estudo apresentamos uma discussão sobre o processo de inclusão de um aluno com deficiência mental nos anos finais do Ensino Fundamental durante o ano letivo de 2006. Procuramos analisar o processo de inclusão do aluno, identificando as possibilidades e limitações deste processo de inclusão. Para tanto foram realizadas entrevistas com os professores que trabalharam com o mesmo na escola, que se localiza na cidade de São João do Polêsine/RS. Foram realizadas leituras referentes à inclusão e sala de recursos para ligar às falas dos professores. Após as discussões que aqui nos propomos podemos perceber que apesar de existirem ainda aspectos significativos a serem repensados com relação a inclusão nas séries finais, acredita-se que a escola conseguiu estabelecer uma parceria significativa entre seus professores o que garantiu o movimento da escola para a melhora na oferta das práticas desenvolvidas com o aluno em questão. Nessa perspectiva, a busca pelo estabelecimento desta parceria deve continuar existindo, tendo como propósito proporcionar a aprendizagem dos alunos para que assim possamos caminhar efetivamente em direção a construção de uma escola inclusiva.

Palavras – chave: Inclusão; Sala de Recursos; Anos Finais.

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial
Universidade .Federal de Santa Maria, RS, Brasil

TÍTULO DO ARTIGO INCLUSION AT THE FINAL YEARS, WHAT ARE WE DOING?

AUTOR: DANIELA DOS SANTOS MORALES
ORIENTADOR: ELIANA DA COSTA PEREIRA DE MENEZES
Santa Maria, 01 de dezembro de 2007.

This paper is going to coment as it happened the inclusion process of the mental disability in the final of the elementary school during the year of the 2006. It is the purpose analyse the inclusion proces of the pupil. Identifying possibilities and restriction this inclusion process. For this subject was done interview with teachers that worked with the same in the school, that is located in the São João do Polêsine city. It was done reading about inclusion and resource room for joins of the teacher's opinions. After the dislussions that it is here we suggest that we can notice, nevertheless it has been live, still it expressive aspects, it has been thought about regarding to a inclusion in the final elementary, it believes that school achieved to establish the expressive association between your teachers who there is guarantee movement of the school for development about bargain and development practical with thw analyse pupil. In this proposct the search through agreement with association can it has been lave, it has continued, with it purpose the suggest the pupil's leaner for the pupils can make away in consideration of inclusion school.

Keys – word: Inclusion; Resource Room; Elementary School, Final Years.

Dedicatória e agradecimentos...

Eu neste trabalho conto um pouquinho de mim e especialmente a minha prática pedagógica, ou como uso no decorrer dele, da semente que estou auxiliando a cultivar.

Sendo que é neste espaço que devo agradecer as pessoas que estiveram comigo nesta sementeira, pensei em colocar os nomes, mas posso ser injusta e esquecer de alguém. Então vou colocar os nomes que representam a um grupo.

A professora **Eliana**, apesar de eu não chama-la assim, que esteve presente na elaboração desse trabalho e me auxiliou a explicá-lo, e aos demais professores que estiveram comigo neste cultivo.

A minha colega e amiga **Patrícia**, quantas conversas pra ver se o nosso cultivo estava certo, utilizando o seu nome agradeço as minhas outras colegas e amigas.

A **Angela** pelas explicações, incentivo e força, assim como o meu mano **Oscar**, o meu namorado **Edimilson** e sua família.

A minha **Escola** onde este cultivo acontece!

Aos meus **Pais** minhas árvores de sustentação.

Venho falando em plantar **sementes**, mas não em uma sementeira ou vasilha, elas tem de ser plantadas em terras férteis e nas pessoas não há nada mais fértil que os corações. Espero alcançar os das famílias dos alunos, dos professores e especialmente dos **ALUNOS**, é a estes últimos o meu maior agradecimento, pela sinceridade no olhar, pela energia do abraço e pela certeza de que as coisas vão dar certo.

Dedico ao meu **Aluno** este trabalho, pois foi a inquietação que ele me provocou que me fez entrar nesta sementeira.

1. APRESENTAÇÃO

Sou educadora especial e trabalho em uma escola estadual de Educação Básica na cidade de São João do Polêsine/RS. Tal escola localiza-se no centro do município que possui uma população de mais ou menos 3.000 habitantes, em que a maioria das pessoas, de uma forma ou outra, se relacionam.

Na comunidade escolar há muitas diferenças socioeconômicas, que influenciam diretamente nas relações entre os sujeitos. Muitos dos alunos freqüentam a escola residem nas localidades do interior do município, e seus pais são trabalhadores rurais que não concluíram sua escolaridade. Isso é um aspecto que interfere muito na dinâmica da escola, visto que os pais, muitas vezes, não têm condições de acompanhar seus filhos e/ou não priorizam as atividades escolares desses, considerando mais importante e necessário que participem de plantações e colheitas. Conhecer essas peculiaridades nos possibilita entender as diferenças nas perspectivas de vida destes sujeitos.

Nesse contexto, a escola em questão se transformou no ponto de convergência da grande maioria dos alunos do município. Nesse espaço de ensino, busca-se atender a política nacional de educação no que tange as diretrizes referentes a educação inclusiva. Assim, a escola procura consolidar a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, por meio de ações como reuniões pedagógicas entre os profissionais que atuam com os alunos incluídos, atendimento especializado em turno inverso aos alunos, visando a garantia do acesso e permanência desses alunos em salas de aula regulares e sua participação nas atividades escolares.

Trabalho nessa instituição de ensino desde 2003, e como educadora especial, e desde então venho acompanhando esse processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. Ao pensar nos alunos do final do ano letivo de 2005, recordo especialmente de um, que no ano letivo de 2006 iria, conforme ele mesmo disse “estudar com grandes”.

Pela primeira vez, desde que se iniciou a trabalhar com alunos incluídos, haveria na escola, em uma turma de quinta série do ensino fundamental, a inclusão de um aluno com deficiência mental. O referido aluno, que hoje está com 15 anos, freqüenta essa escola desde a educação infantil, apresentou certas dificuldades para concluir as primeiras séries do Ensino Fundamental, e mantinha bom

relacionamento com seus professores e colegas.

Por ser a primeira vez que promoveríamos um aluno com necessidades educacionais especiais para a 5ª série do Ensino fundamental problematizamos e refletimos muito sobre a situação. Não sabíamos como seria sua relação com os demais colegas e professores, pois ouvimos muitos questionamentos por parte dos professores. Porque promover esse aluno “já que ele não aprende mesmo?”

Os questionamentos e intenções foram superados quando as professoras que trabalhavam com ele nas séries iniciais do Ensino Fundamental, contavam aos professores do Ensino Fundamental, anos finais que o aluno era muito educado, fazia as tarefas e era companheiro dos colegas.

A escola conta com uma sala de recursos, onde trabalho, auxiliando no processo de aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, através do trabalho em cooperação com os professores desses alunos. Procuramos juntos conhecer esses alunos, saber quais as necessidades educacionais que eles possuem e de que forma poderemos favorecer a aprendizagem.

A parceria professor da sala de recursos e professor da sala de aula regular funciona muito bem com os professores do Ensino Fundamental nas séries iniciais. Agora se fazia necessário que ela fosse estabelecida com os professores do Ensino Fundamental anos finais, principalmente com os professores da 5ª série na qual o aluno iria estudar.

Alguns aspectos, a priori já podiam ser problematizados mesmo antes de um contato mais efetivo com os professores do Ensino Fundamental, em seus anos finais. A avaliação que estes professores fazem é realizada através de provas e testes. Para que o aluno seja promovido para a série seguinte é necessário que ele alcance uma quantidade determinada de pontos. Para tanto precisa saber conteúdos pré-determinados pelos planos de estudos da escola, que estão em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais e Estaduais.

Ao trabalhar com este aluno os professores do Ensino Fundamental, anos finais, seriam convidados, pelas circunstâncias, a realizar uma avaliação diferente e a apresentar os conteúdos de outras formas, para favorecer a sua aprendizagem, valorizando seus pequenos avanços e considerando suas especificidades pedagógicas.

Nesse contexto, partindo da questão problematizadora “Quais as possibilidades e limitações da inclusão de um aluno nas séries finais do ensino fundamental na escola em questão”, o presente estudo procurou analisar o processo

de inclusão do aluno em questão nas séries finais, identificando possibilidades e limitações do processo. A intenção é que após esse estudo, possamos discutir os achados da pesquisa procurando pensar os temas que envolvem inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nos anos finais e a prática que estamos desenvolvendo, aprimorando-a.

Será realizada uma revisão bibliográfica sobre os temas da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais e, especialmente, a inclusão nos anos finais do Ensino Fundamental.

Estamos plantando sementes para a realização da inclusão e para tanto procuramos questionar como essa esta se desenvolvendo neste contexto específico.

A partir de agora iremos apresentar, relatar, como se desencadeou o processo de inclusão de um aluno que freqüentou no ano letivo de 2006 a 5ª série do Ensino Fundamental, anos finais.

Apresentaremos as alternativas encontradas de como trabalhar com o aluno e também apontaremos a sala de recursos como responsável pelas adaptações curriculares realizadas conjuntamente com os professores que trabalharam com este aluno.

2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO

A escola da qual estamos falando esta situada em um município pequeno e prestando atendimento educacional a mais de 40 anos na cidade, tendo acompanhando os avanços que aconteceram ao longo do tempo. Não tem registros da modalidade de educação especial antes do ano de 2002 onde se iniciou já na modalidade de sala de recursos.

O trabalho visando a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais na escola teve até o ano de 2005 uma conotação mais específica para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, pois os alunos atendidos pela sala de recursos eram provenientes destas modalidades. Foi então que no ano de 2006 recebemos o desafio de incluir um aluno na 5ª série do Ensino Fundamental, anos finais, surgindo a inquietação que pretendemos ser respondida ao final deste trabalho.

Para que o objetivo desta pesquisa fosse alcançado se fez necessário que o enfoque fosse qualitativo, com um estudo de caso da situação da escola frente ao processo de inclusão do aluno que freqüentou no ano letivo de 2006 a 5ª série do Ensino Fundamental.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os professores para que pudéssemos observar quais as possibilidades e limitações que eles encontraram para trabalhar com este aluno e como eles verificaram que ocorreu o processo de inclusão bem como o desenvolvimento do aluno em questão.

As entrevistas foram realizadas com os professores responsáveis pelas disciplinas de educação física, educação artística e ensino religioso, ciências, matemática, inglês, português, no ano letivo de 2006. Os professores responsáveis pelas demais disciplinas não foram entrevistados devido ao seu afastamento da escola. Essas foram realizadas em setembro de 2007.

Como professora da escola onde o referido processo de inclusão acontece foram realizadas observações informais de como aconteceu o desenvolvimento do aluno e como o processo de inclusão foi acontecendo durante o ano letivo de 2006.

3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Convido para juntos observarmos a semente da inclusão que a nossa escola esta cultivando, e desejo que este desafio que foi aceito pelos professores do Ensino Fundamental, anos finais, sirva como apoio e incentivo a inclusão nessa escola.

Plantamos a semente e é hora de observar como essa se desenvolveu, para isso perguntamos aqueles que mais estiveram em contato com o aluno os seus professores. Durante o processo de inclusão deste aluno no Ensino Fundamental, em seus anos finais, estive presente na escola e farei também o relato de quem observou como esse acontecia.

Quando se está inserido em um determinado contexto escolar e temos a oportunidade de transitar pelos diferentes níveis de ensino, temos a certeza do quanto à educação é importante e valiosa. Quando este transitar é realizado pela Educação Especial ele visa facilitar o aprendizado dos alunos que possuem necessidades educacionais especiais, e também o seu desenvolvimento.

Sabemos que todos os documentos que regem a educação em nosso país apresentam a Educação Especial realizando esse transitar a fim de facilitar a inclusão daqueles que apresentam necessidades educacionais especiais. Os principais documentos referidos são LDB 9394/96, parâmetros curriculares nacionais e estaduais.

Este trabalho apresentará as ferramentas que foram utilizadas para auxiliar uma inclusão específica. Buscando questionar quais as possibilidades e limitações da inclusão de um aluno nas séries finais do ensino fundamental na escola onde este trabalho acontece.

O aluno que freqüentou o Ensino Fundamental em seus anos finais, como já foi relatado, é um aluno educado, prestativo e quieto em sala de aula. Mas ele tem uma “diferença”, ele não aprende os conteúdos formais como os demais alunos da escola, o que deixa muitos de seus professores sem saber que atitudes tomar. Surgem então comentários nas falas que coletamos “...*não acreditava que ele não aprendesse!*”(Sic), e podemos observar que realmente na aprendizagem formal dos conteúdos o aluno não evoluiu como o esperado para uma pessoa de sua idade.

Os professores nos colocaram em suas falas - sentido ou não dificuldade em trabalhar com o aluno - a queixa de que ele não tinha aprendizado formal, ou seja, a maior dificuldade que os professores tiveram ao trabalhar com o aluno foi o seu não

aprender. O aluno em questão apresenta uma deficiência mental.

Ao considerar que o aluno seja deficiente mental concordamos com Fierro (1995, p. 232) que diz que a deficiência mental, denominada por ele de atraso mental é uma “limitação na capacidade não somente de conhecimentos escolares, mas também conhecimentos sociais e da vida diária.”

Como o aluno está na escola há alguns anos, sabemos que ele não apresenta dificuldades em fazer amigos, conversar com os colegas, mas as suas habilidades escolares não condizem com o grau de escolarização que possui.

Perguntamos aos professores que atuaram com este aluno na 5ª série do Ensino Fundamental qual a dificuldade que eles enfrentaram em trabalhar com o aluno, e alguns dos professores se referiram a não saber como fazer para trabalhar com ele, pois ele não “*guardava os conteúdos*”(Sic). Essa dificuldade de *fixação* de conteúdos aprendidos, Inhelder denomina de viscosidade do raciocínio, o que para a autora é uma das principais características das pessoas com deficiência mental. De acordo com os pressupostos piagetianos a regra geral do curso do desenvolvimento cognitivo dá-se de forma ascendente, “das estruturas menos complexas para as mais complexas do pensamento” (BEYER, 2002, p. 44). Em relação a deficiência mental, segundo a autora, “o pensamento da criança parece apresentar um falso equilíbrio” (op.cit). Na verdade, a deficiência mental poderia ser considerada precisamente a fixação em fases anteriores de desenvolvimento.

Em vez da construção contínua de estruturas novas do pensamento, a criança portadora da deficiência mental “regressa mais freqüentemente que a criança normal a modos anteriores de pensamento, dos quais tem um hábito mais prolongado. Recai neles como em fossos mais profundamente escavados” (INHELDER *apud* BEYER , 2002, p. 45)

Acreditando que estas limitações, nos conhecimentos escolares, sociais e de vida diária, estão ligadas, e uma influencia a outra, a educação, do nosso ponto de vista, é muito importante para proporcionar avanços nestas áreas. Então recorreremos a Marchesi e Martín (1995)

O que significa um aluno com necessidades educacionais especiais? Em linhas gerais, isso quer dizer que o mesmo apresenta algum problema de aprendizagem ao longo de sua escolarização, que exige uma atenção mais específica e maiores recursos educacionais do que os necessários para os colegas de sua idade. (p. 11)

Tendo esta perspectiva de educação, especialmente da educação especial, perguntamos aos professores quais ações eles consideram ter realizado para favorecer a inclusão do aluno em questão.

Esses relataram os trabalhos práticos e de monitoria que o aluno realizou nas disciplinas de educação física, religião e educação artística. Segundo o professor ele apitava aos jogos que a turma realizava, ou seja, teve de aprender as regras para poder praticá-las. Um professor relatou que não realizou nenhuma ação para favorecer o processo de inclusão, pois havia muitos alunos na sala de aula. Os demais falaram em ações como chamar a sua atenção para as atividades que estava sendo realizadas, perguntando o que eles estavam entendendo naquele momento, passar no quadro para que ele pudesse copiar, pois ditado ele não acompanha. Estes professores falaram especialmente de fazer com que o aluno estivesse inserido nas atividades de sala de aula.

Por seu turno, a proposta de inclusão é muito mais abrangente e significativa do que o simples fazer parte (de qualquer aluno), sem assegurar e garantir sua ativa participação em todas as atividades do processo de ensino-aprendizagem, principalmente em sala de aula. (CARVALHO, 2004, p. 110)

Ao verificar os depoimentos dos professores e em seguida ler a colocação da autora temos que deixar claro, que como essa, pensamos que durante o processo de inclusão, os professores devem auxiliar na produção de conhecimentos verificando os avanços dos alunos, por menores que sejam, e mostrar as potencialidades dos alunos.

A inclusão enquanto processo educacional não pode ser apenas um estar presente. A inclusão deve estar onde os envolvidos sejam capazes de perceber que cada um tem uma diferença e que mesmo assim podemos aprender.

Também, segundo o relato dos professores, o aluno era participativo em sala de aula, mesmo não acompanhando o pensamento formal dos demais alunos. Assim participando de todas as atividades o aluno não se envolveu nas conversas excessivas da turma, que era bastante agitada. Isso foi ressaltado por todos os professores. “O aluno não entrou na bagunça que a turma fazia, ele pedia silêncio para os colegas.”(Sic).

Este é um fato importante de ser relatado, pois a turma que o aluno

freqüentou teve problemas de comportamento e por conseqüência as notas foram muito ruins, mas em nenhum momento o aluno em questão esteve envolvido nessa situação.

Sabemos que nenhum aluno, por perfeito que seja, se mantém fora de conversas e envolvimento em brincadeiras que não são as mais desejadas pelo professor, nisso o aluno em questão não foi diferente dos demais, mas ressaltamos que ele não considerava que as conversas dos colegas eram interessantes para o andamento da aula. Acredito que demonstre o amadurecimento do aluno, que era mas velho que seus colegas, por volta de quatro anos.

Uma questão que chama a atenção quando se ouve o relato dos professores é que mesmo sabendo que o aluno apresentava deficiência mental, que seu aprendizado era diferenciado, e observado que os conteúdos formais ele apresentava dificuldades de aprendizagem, durante a avaliação os professores de educação física e educação artística, ensino religioso não faziam diferença pois realizavam trabalhos práticos e o aluno se sai bem os realizando, ou seja, sua atividade era igual ao dos demais alunos.

Com três professores o aluno realizava as provas sempre com um colega, em dupla. Uma professora relatou que a primeira vez que foi aplicar a prova com a turma do aluno, ainda não acreditava que ele tivesse uma deficiência que não soubesse responder de forma espontânea a essa, mas observando que ele não conseguia passou a realizar as provas em dupla. Esta mesma professora falou que fez as provas oralmente para o aluno, mas ele apenas respondia com a mesma palavra, ligada ao seu conteúdo, a maioria das perguntas.

Penso que mesmo sabendo como era o aluno os professores não conseguiram enfrentar o desafio de apenas observar os avanços do aluno para eles era necessário que a existência da prova. Acredito que ao relatar aos professores como era o aluno eu devesse ter sido mais específica e dito que aquele aluno devia ser avaliado com parecer.

Quero aqui ressaltar que muitas foram as vezes que conversei com o aluno para saber como estava sentindo-se na sala de aula, seu relacionamento com os colegas e professores e esse sempre dizia que estava tudo bem, e se observávamos, então, que seu processo de inclusão estava acontecendo de uma maneira interessante para ele através de seu sorriso e o brilho no olhar.

Na legislação brasileira o conceito de necessidades educacionais especiais acrescenta ainda alunos com deficiência, condutas típicas de síndromes e quadros

psicológicos, ou seja, a educação especial no Brasil trabalha com todo o alunado que necessitar ao longo de sua aprendizagem de adaptações. (Brasil, 2001.)

Para auxiliar na aprendizagem dos alunos, na organização do conteúdo que este receberá, trabalhar com os professores e facilitar a inclusão surge a sala de recursos da escola e o educador especial que nela atuará.

A sala de recursos aparece como uma ponte, para que todas as mudanças necessárias sejam realizadas e o aluno, com necessidades educacionais especiais, possa ser incluído e não se sinta diferente dos demais alunos. Esta sala está aberta para os alunos, seus familiares e professores.

As diretrizes para Implantação e Funcionamento de Salas de Recursos na Rede Pública Estadual(Rio Grande do Sul, 2002) descrevem que é nesta sala que deve acontecer o apoio pedagógico, propiciando situações de aprendizagem para facilitar as atividades do Ensino Regular. Segundo consta nesse documento, cabe ao professor especializado, que é responsável por esta sala, oferecer suporte teórico aos professores do ensino regular.

A legislação é muito clara no que se refere à importância da sala de recursos e em como seu serviço auxilia no favorecimento da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

A sala de recursos da escola, na qual sou educadora especial, onde o aluno que estamos falando cursou a 5ª série do Ensino Fundamental, pretende estar em consonância com todos os documentos apresentados.

Para que este aspecto legal da sala de recursos fosse abordado foi realizada uma reunião pedagógica para que se pudesse falar especificamente da inclusão deste aluno, onde foi colocado, como esse aluno era e quais as dificuldades apresentava, ficando combinado que quando os professores tivessem alguma dificuldade chamar-me-iam para que pudéssemos conversar. O tempo foi passando e a preocupação dos professores estava relacionada ao comportamento dos alunos em sala de aula, e com o aluno em questão não havia essa preocupação, como já foi relatado.

Durante as entrevistas ao serem perguntados das dificuldades encontradas ao trabalhar com o aluno em questão os professores se dividiram, pois três acreditaram não ter tido dificuldades pois ele era participativo durante as aulas, realizava as atividades, mesmo que necessitasse de auxílio. Outros disseram que não tiveram dificuldades em trabalhar com os alunos. Mesmo relatando que não tiveram dificuldades em trabalhar com o aluno aparece a queixa, em ambos relatos

dos professores, quanto ao não aprendizado formal dos conteúdos pelo aluno.

Com o passar do tempo comecei a me perguntar o que estava acontecendo, porque o “meu” aluno estava tão bem. Enfim! Qual era o meu papel frente ao desenvolvimento daquele aluno? Comecei a perguntar pelo aluno aos professores, mas a resposta era sempre a mesma: ele esta bem, mas os colegas . . . *Ele esta aprendendo?* Perto dos colegas ele aprende muito, e o mais importante ele não cai na “bagunça”(Sic) dos outros!

Na verdade continuo me perguntando o que entendemos por educação, o que é mais importante na educação, e especialmente que nos interessa neste trabalho, na educação de um aluno com necessidades educacionais especiais. O conteúdo ou a sua formação? Será que aprender a somar $X+Y$ é mais importante do que fazer um troco? Saber conjugar os verbos por escrito é mais importante do que falar corretamente? Isso, para dar alguns exemplos.

Não considero simplesmente que ao se tirarmos todos os conteúdos formais do currículo a escola será um ambiente de aprendizado mais interessante aos alunos, mas também devemos pensar que a nossa maneira de dar aulas não se modificou, apesar do perfil dos alunos ter se modificado.

Acredito ainda que a sala de recursos tenha que apresentar outras características que não são tão formais, como por exemplo, o aluno deve gostar dela e tê-la como um lugar onde poderá expor todos os seus questionamentos, alegrias e decepções. Considero que o aluno que estamos falando tenha a sala de recursos como este lugar, pois em momentos de dificuldade ele procurou ir até ela para realizar as atividades que não estava conseguindo com o auxílio dos colegas ou do professor da sala regular.

Como já foi afirmado, o aluno em questão tem uma socialização muito boa. Sendo importante ressaltar que até aquele momento ele havia possuído apenas uma professora por ano letivo e que seus colegas eram menores em idade que ele. Acreditamos que os objetivos haviam sido alcançados, mas é a partir da inclusão deste aluno na 5ª série do Ensino Fundamental que os objetivos serão diferenciados, assim como os conteúdos também, a quantidade e realidade de professores e colegas. Como o aluno vai reagir as mudanças, como os professores vão lidar com a necessidade educacional dele e suas próprias deficiência? Esperamos que da melhor maneira possível, por isso é tão importante para nós que a parceria, entre os professores da sala de aula regular e da sala de recursos aconteça.

A presença de alunos com necessidades educacionais especiais, em um determinado grupo, pressuporá fazer adaptações curriculares necessárias a partir da programação do grupo em questão, na qual deve haver lugar para todos os alunos. A programação deve conseguir o equilíbrio necessário entre dar resposta ao grupo como tal, e cada indivíduo dentro do grupo. (BLANCO *apud* COLL, 1995, p. 39)

Concordamos com Blanco e nos atrevemos a afirmar que as adaptações curriculares realizadas para o aluno com necessidades educacionais especiais vão beneficiar a toda a turma onde este aluno está inserido e, porque não dizer, a todos os alunos da escola que nos referimos.

Estas adaptações deverão seguir um plano, segundo o documento, Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares. Podem ser mais ou menos significativas e devem atingir a todos os níveis de organização no currículo. As adaptações curriculares, em todas as instâncias devem ocorrer a fim de facilitar a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Um aspecto que deve ser ressaltado é que para que se realizem tais adaptações faz-se necessário que o projeto pedagógico da escola possibilite as ações necessárias para essas. Por ser esta uma escola que conta com uma sala de recursos e acredita estar participando efetivamente do processo de inclusão, isso já acontece.

As adaptações curriculares realizadas afim de beneficiar este aluno foram a realização de provas em dupla, apresentação de conteúdos de maneira diferenciada, para a turma inteira, e também foram realizados trabalhos práticos para a apresentação dos conteúdos. Cada professor realizou as adaptações que considerou necessárias para a adequação do seu conteúdo a especificidade do aluno. Os conteúdos formais foram apresentados ao aluno, mesmo ele não os aprendendo.

Característica do profissional da sala de recursos é que, em parceria como os professores regulares, coordenação e direção da escola, vai pensar em um currículo que atenda as peculiaridades do aluno¹.

¹ Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, nas Adaptações Curriculares (Brasil, 1998), específicas para as necessidades educacionais especiais está especificado que a escola não deve desenvolver um novo currículo, mas que o seu currículo vigente deverá atender a todos os alunos.

Precisamos, com vontade, desenvolver escolas inclusivas, onde todos aprendem juntos, ajustando currículos, apoiando e valorizando o trabalho dos professores, levando-os a adotar práticas educativas centradas na aprendizagem e adequadas às necessidades dos alunos, para o que devemos criar e estimular redes de apoio. (CARVALHO, 2002, p. 43)

A rede que Carvalho nos coloca como sendo uma questão para desenvolver uma escola inclusiva não ficou formalizada, como a que acontece na mesma escola no Ensino Fundamental, em seus anos iniciais. Ela ocorreu nos corredores, na sala de professores, mas acredito que não tenha sido suficiente. Deveríamos ter nos reunido mais para podermos valorizar os pequenos ganhos que o aluno estava fazendo. Para discutir questões referentes ao processo de aprendizagem desse aluno.

Os professores do aluno foram questionados sobre quais as ações que a escola realizou para favorecer a inclusão do aluno. Nesse sentido, um professor disse que não se interessou pelas ações da escola e outro relatou que apenas o aluno havia sido incluído na série. Os demais professores referiram-se as ações da escola como as ações as aulas da educação especial, em informações que foram passadas para que se entendesse o “problema”(Sic) do aluno, das oportunidades oferecidas a ele serem as mesmas dos demais alunos, dos encaminhamentos realizados para que se descobrisse qual era o diagnóstico do aluno, aulas em turno inverso para que se alfabetizasse.

Em suas conclusões Carvalho (2002) coloca que:

A educação deverá restabelecer o seu sentido humano, permitindo às pessoas e aos povos apropriarem-se de suas histórias, aproximando o presente do futuro que eles mesmo idealizam, removendo barreiras, injustiças.(p. 63)

Uma questão que me chama atenção é que os professores falam da inclusão social que o aluno esteve envolvido nisso, mas quando questionados de seu desenvolvimento apenas se referem as questões da aprendizagem formal.

Os conceitos de inclusão que os professores se referem durante a entrevista foi muito ligado a inclusão social, ou seja a inclusão escolar como sendo uma forma de inclusão social do aluno. Referindo -se também a todas as pessoas sem distinção estarem juntas no mesmo espaço escolar. Como já foi afirmado a inclusão não é

somente estar junto, acredito que nos formarmos juntos sim é inclusão.

Pensando no que até aqui observamos a inclusão e ainda existem muitas dúvidas de como seria um ideal e até mesmo de qual seria o conceito que esta tem, considero que esta seja voltada a formação do ser humano.

(...) a educação inclusiva significa assegurar a todos os estudante, sem excpção, independentemente da sua origem sociocultural e da sua evolução psicobiológica, a igualdade de oportunidades educativas, para que, desse modo, possam usufruir de serviços educativos de qualidade, conjuntamente com outros apoios complementares (...).(FONSECA, *apud* STOBÁUS e MOSQUERA, 2003, p. 41)

Penso que até aqui o que relatamos um processo de inclusão, mas na verdade acredito que também expomos a transposição de algumas barreiras que podiam existir no caminho da educação especial, na sua modalidade de sala de recursos.

Foi através deste caminho que houve a possibilidade de que o processo de inclusão acontecesse na escola, e é a partir dele que se pretende que a inclusão deixe de ser somente uma semente passe a fazer parte do processo educativo da comunidade escolar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sementes da inclusão estão sendo plantadas na escola há bastante tempo. Com a promoção de um aluno para as séries finais do Ensino Fundamental, anos finais, foi muito importante para a consolidação do processo de inclusão dentro da escola. Concluímos que os esforços realizados foram válidos, mas estes podem perder-se se não tivermos a continuidade.

Estando diretamente envolvida com o processo da inclusão na escola não há como não se encantar com o mesmo, e querer propiciar alternativas para que essa ocorra, sendo facilitadora da aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais. Conseqüência desta busca de alternativas para o aprimoramento do processo foi a apresentação deste relato.

A procura de materiais, leituras, depoimentos e/ou artigos que falassem especificamente na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, nas séries finais, do Ensino Fundamental não foi fácil. Nos documentos legais fala-se em adaptações e, que estas devem ocorrer em todos os níveis de ensino, mas o suporte teórico ainda é escasso.

Entrar nas séries finais do Ensino Fundamental com este menino, para nós, que estivemos envolvidas na sua caminhada na escola é muito importante. Com certeza o desafio de trabalhar na inclusão não é somente do aluno, mas também de todos nós envolvidos nesse processo.

Enquanto realizava este trabalho me deparei como uma perspectiva que até então não havia me dado conta. Meu conceito de educação é diferente da maioria dos professores como quem trabalha. Acredito que isso aconteça porque aprendi a identificar e valorizar os pequenos avanços no desenvolvimento dos alunos, tentar entender os retrocessos e sempre pensar no que está fazendo o meu aluno feliz.

Acredito que ainda não encontramos o ideal de inclusão na escola, e que especialmente no Ensino Fundamental, anos finais ainda é necessário muito mais esforço e trabalho em conjunto.

Venho relatando a realidade do processo de inclusão da escola onde trabalho e onde me sinto em grande parte responsável para que esse tenha um andamento que proporcione ao aluno um desenvolvimento. Então gostaria de ressaltar que apesar de tantos pontos que possamos discordar e concordar com os professores entrevistados, realizando a ponte entre a sala regular e a sala de

recursos devemos ter a certeza de que este foi o processo de inclusão que ocorreu durante o ano letivo de 2006 e que nenhum será igual a ele, mas que nos deixa a certeza de que auxiliar na construção de uma escola inclusiva é válido.

Acredito que temos muito ainda a melhorar, mas o desafio foi aceito pela maioria dos professores e a busca por esta parceria deva continuar existindo tendo um propósito muito importante facilitar a aprendizagem de todos, realmente construindo uma escola inclusiva.

Possibilidade de inclusão existe, limitações também, mas devemos apostar é na educação e no que melhor dela podemos ter, a formação de alunos e conseqüentemente sociedade, onde todos são respeitados mesmo apresentando diferenças. O aluno foi promovido no final do ano letivo de 2006, sendo que no ano letivo de 2007 esta freqüentando a Educação de Jovens e Adultos da escola.

Sementes plantadas e novos desafios em vista, nos propomos continuar a trabalhar para favorecer o processo de inclusão na escola, e sociedade, proporcionando a todos os alunos com necessidades educacionais especiais uma diferente perspectiva, a qual propicie a sua inclusão nos processos sociais.

5. REFERÊNCIAS

BLANCO, Rosa. Inovação e Recursos Educacionais na Sala de Aula. (IN) COOL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (orgs.) **Desenvolvimentos psicológico e educação: necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 199. (307-321).

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: Secretaria de Educação especial – MEC; SEESP, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações curriculares**. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

BEYER, Hugo Otto. **O Fazer Psicopedagógico: A abordagem de REUVEN FEUERSTEIN a partir de Piaget e Vygotsky**. Porto Alegre: Mediação, 2002. 3ª ed.

CARVALHO, Rosita E. **Uma promessa de futuro: aprendizagem para todos e por toda a vida**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CARVALHO, Rosita E. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, Departamento Pedagógico – Divisão de educação especial. **Diretrizes para implantação e funcionamento de salas de recursos na rede pública estadual**. Rio Grande do Sul, 2002.

FIERRO, Alfredo. As crianças com atraso mental. (IN) COOL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (orgs.) **Desenvolvimentos psicológico e educação: necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. (232 – 239).

FONSECA, Vítor da. Tendências futuras da educação inclusiva. (IN) STOBÄUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Educação Especial: em direção à educação inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (41 – 63)

MARCHESI, Álvaro; MARTÍN, Elena. Da terminologia do Distúrbio às Necessidades Educativas Especiais. (IN) COOL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (orgs.) **Desenvolvimentos psicológico e educação: necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 199. (7-23).

Dicionário King Host: <http://www.kinghost.com.br/dicionario/desenvolvimento.html> (visitado em 21-09-2007).

6. ANEXOS

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS FINAIS:(professores entrevistados das disciplinas de matemática, português, ciências, educação artística e ensino religioso, educação física e língua inglesa. Os demais professores não serão entrevistados por terem se afastado da escola, são eles os professores de geografia, história e informática.

- Formação: _____ Anos de atuação: _____
- Teve alguma dificuldade em trabalhar com o aluno?
- Quais?
- O que você entende por inclusão?
- Que ações você acredita que foram feitas pela escola para que acontecesse a inclusão desse aluno?
- Qual ação você realizou para favorecer a inclusão do aluno?
- Considera que o processo ocorreu de forma positiva ou negativa? Por quê?
- Como você procedia na avaliação do aluno?
- Você acredita que o aluno teve avanços no seu desenvolvimento?